Vilem Flusser.

Sao Paulo enquanto colonia.

(Para M. Vargas, carta de 6/7/88)

Vargas está pedindo que visualizemos praia deserta tropical, com frota de navegantes, para captarmos a "condicao" de S.Paulo. Esta pedindo que visualizemos o mito da "fundacao": "Arma virumque cano Troiae qui primus ab oris ..". Com esta diferenca: O proprio Aeneas é mitico, os navegantes portugueses, (como os demais colonizadores renascentistas), sao figuras historicas deliberadamente mitificadas. Tal desafio lancado por Vargas: "ab urbe condita" visa que concedamos a S. Paulo, (e as demais cidades "coloniais") um status diferente, mas paralelo ao das cidades "maes", (que concedamos a Marseille um status diferente mas paralelo ao de Phocaea). Tal desafio deve ser recusado pelas consideracoes seguintes:

Partamos de tres modelos de cidades cuja origem é banhada em mito: "ir" (Jerusalem), "polis" (Atenas) e "urbs" (Roma). Tais tres cidades-modelo informaram as categorias cidadinas ocidentais, ("cidade de Deus", "democracia", "republica"), e continuam poderosamente ativas enquanto modelos. Abreviando e simplificando: "ir" e aglomeramento pecuario, "polis" aglomeramento portuario, e "urbs" aglomeramento de agricultura. Embora as origens de tais cidades se percam, (sejam miticas), estamos atualmente em posicao de lancar alguma luz em tais trevas. Se remontarmos ate o quarto milenio, esbarramos contra fatidica mutacao da figura do "Big Man" que centraliza a aldeia neolitica tardia, (e que continua a faze-lo em determinadas sociedades atuais ditas "primitivas"). Tal "Big Man", cuja funcao e a de recolher e distribuir os produtos da aldeia, (tanto para garantir certo equilibrio social, como para certo equilibrio entre colheitas ricas e pobres), passa, nas regioes lamacentas, (Mesopotamia, Egito, Crescente fertil), a subir sobre colina nos arredores da aldeia. As primeiras colinas sao "dadas", (sao "Tels", isto e montes de lixo), mas rapidamente passam a serem "feitas", (piramides, torres). O proposito de tal "subida para o transcendente" parece ser triplo: alcancar visao que permite canalizacao dos rios, guardar os armazens de inundacoes, e "legiferar", (emitir ordens de cima para baixo). Tal mutacao do "Big Man", (que passa a sacerdote, rei, deus e Deus), terá por resultado modificacao da estrutura da aldeia. Varias aldeias passam a aglomerar-se em torno da colina, (Zion, acropole, capitolio), para formarem "cidade". (No caso de Roma, a qual e a mais recente dos tres exemplos, tal formacao da cidade por aglomeracao de aldeias em torno de colina pode ser arqueologicamente reconstituida). Em suma: a passagem da cultura aldea para a "civilizacao" pode atualmente ser des-mitificada, (embora muitos detalhes continuem mal comprendidos).

As tres cidades-modelo nao passam de tres entre numerosos desenvolvimentos do projeto acima esbocado, (de tres entre numerosas "cidades"). Cada qual dessas cidades evoluiu, no decorrer dos milenios, estruturas especificas, e isto em toda parte: no Oriente Proximo, na India, na China, um pouco mais tarde na Europa, na Africa, e muito mais tarde no Mexico, no Peru, em toda regiao que alcancou o neolitico "avancado". A todos estes tipos de cidade deve ser concedido status paralelo. O que diferencia as tres cidades-modelo das demais é que cada qual delas evoluiu uma

forma de vida "civilizada" especifica, e que tais tres formas de vida (por rqzoes que escapam ao escopo deste ensaio) foram sintetizadas (mal) para consituirem, em seu conjunto, a vida no sentido da "civilizacao" do Ocidente. Jerusalem evoluiu a profecia, Atenas a filosofia, e Roma a jurisprudencia, o que, em seu conjunto, constitui a raiz da vida "civilizada"a partir do Medio Evo. Nao que as demais cidades proto-historicas e historicas, (por exemplo as hindus ou chinezas), nao tenham realizado virtualidades igualmente ferteis, mas tais realizacoes nao tiveram efeito comparavel sobre a civilizacao do Ocidente.

Cada qual das cidades-modelo criou "colonias" em epocas anteriores a sintese dos tres projetos, (p.e. Jerusalem criou Granada, Atenas indiretamente Marselha e Roma Colonia Agrippina, entre muitas outras). Tais colonias no entanto nao são interessantes para as reflexões aqui apresentadas, por ainda nao serem resultado do projeto "cidade" no significado ocidental do termo. O desafio de Vargas de visualizar os colonos judeus na Andalucia, os gregos na Cote d'azur, e os latinos na Germania, por fascinante que seja, nao interessa muito quando se trata de comprendermos S.Paulo. Outro é o caso das colonias renascentistas. Lá são cidadoes ocidentais, (resultados da sintese entre os tres modelos), que procuram transplantar o modo de vida civilizado para terras nao-civilizadas, e procuram torna-lo mais perfeito. Em tal caso urge assumir o desafio vargassiano, embora em significado talvez nao pretendido por ele.

A cidade Ocidental, (tal sintese mal digerida entre Jerusalem, Atenas e Roma, com numerosos ingredientes germanos e arabes perturbadores), passou por revolucao longa e dolorosa que se iniciou na Italia do norte e em Flandres no seculo 14 e 15, e que conhecemos pelos rotulos "humanismo" e "renascimento". Isto tornou a cidade verdadeiro barril de polvora, e uma das numerosas explosoes resultou nos ditos "descobrimentos". (NO prefacio a este trabalho procurei refletir sobre este evento.) Os "colonos" a serem visualizados no caso paulistano sao pois "cidadoes renascentistas". Ao assim serem propelidos pela revolucao, sao eles simultaneamente a vaguarda e marginais da cidade. Creio que este fato e importante para captarmos as "condicoes fundantes" de colonias do tipo "S.Paulo". Ora, tal explosao vai projetar os colonos em duas situacoes inteiramente diferentes uma da outra. Na primeira situacao vao sendo propelidos rumo a "cidades" de tipo diferente do ocidental, mas de status comparavel, (por exemplo na India e na China, e em grau menos acentuado no Mexico, no Peru e em determinadas regioes africanas). Na segunda situacao vão sendo propelidos rumo a regioes "nao civilizadas", (sejam neoliticas, sejam ainda menos "desenvolvidas"). Na primeira situacao os colonos vao procurar impor a estrutura da cidade ocidental sobre cidades de outro tipo, e isto é a "historia do imperialismo". Mas é a segunda situacao que caracteriza a fundacao de S. Paulo, e deve ser considerada.

Visualizemos, (segundo o desafio vargassiano), duas cenas comparaveis: a frota dos renascentistas portugueses nas praias de S. Vicente, e o Mayflower nas praias da Nova Inglaterra, (isto e: frota de reformadores). As duas cenas sao comparaveis, porque em ambas cidadoes ocidentais simultaneamente marginais e avant-gardistes se vem confrontados com situacao "nao civilizada". A provocacao é nos

nos dois casos a mesma: estabelecer cidade ocidental renascentista e/ou reformada em regiao "vasia". "Vasia", porque vida em cultura nao-civilizada nao e facilmente reconhecivel enquanto vida plenamente "humana" por cidadao, portanto os "indigenas" nao sao facilmente reconhecidos por colonos. A comparacao permite constatar a diferença: em S. Vicente trata-se sobretudo de construir cidade que seja igual a cidade-mae, (mimesis), e na Nova Inglaterra trata-se sobretudo de construir cidade que conteste a cidade-mae, que a "perfecione". A diferenca se explica: em S. Vicente se trata de "re-nascimento", na Nova Inglaterra de "re-forma". Por certo: elementos reformadores estao presentes em S.Vicente, e renascentistas na Inglaterra. Há dose "poetica" na colonia portuguesa, e forte dose "mimetica" na colonia ingleza. No entanto me parece muito importante para a compreensao do tema admitirmos que S.Paulo é sobretudo resultado de esforco mimetico, e New York de esforco poetico dos colonos.

Nao é necessario, para estas reflexões, seguirmos a historia subsequente das duas colonias S.Paulo e Nova York, para captarmos a razão porque tais colonias não podem ter o mesmo status das cidades das quais se originaram. Admitidamente, tais duas cidades-colonias se tornaram muito mais importantes que suas maes, (S. Paulo mais importante que Lisboa, a fortiori Nova York mais importante que York), mas isto nao impede que ocupem status subalterno. Trata-se, em toda cidade-colonia de projeto que parte de um modelo dado, (Jerusalem-Atenas-Roma), e que visa realisa-lo em escala maior, ou em qualidade melhor, ou ambas as coisas. Isto é, a meu ver a "condição" de S.Paulo, e nao basta visualizar os colonos nas praias para capta-la, mas e preciso olhar igualmente para Jerusalem, Atenas e Roma.

Este ensaio faz parte de um trabalho sobre "o intelectual paulistano". E pode concluir-se com a observacao seguinte: se por "intelectual" entendermos pessoa que trabalha com simbolos, (codigos), o intelectual paulistano trabalha com material mais ou menos identico do intelectual ocidental em geral, embora em situacao mais marginalizada. Tal banalidade precisa ser aprofundada, (a tragedia e as oportunidades da marginalizacao precisam ser elaboradas), na esperanca que tal banalidade vire informativa.